



O autor, baseado num convênio feito com as universidades privadas que deu bolsa a alguns superdotados da escola pública, mostra que estão saindo, a cada ano, cerca de 300 jovens superdotados e pergunta: o que se está fazendo com eles? O que eles farão na vida? Qual o aproveitamento que a sociedade está dando a eles? Possivelmente, afirma o autor, não terão oportunidades sequer de perceber suas qualidades ou, eventualmente, as usarão de formas distorcidas pelo ambiente onde estão inseridos. São diamantes, a maior riqueza que um País tem, não aproveitados.

JOGANDO DIAMANTES NO LIXO

Correio Popular?
Artigo publicado em 15.04.06

Os dados do IBGE mostram que 42% das famílias da região metropolitana de São Paulo estão abaixo da linha de pobreza. Como São Paulo é o município que concentra mais pobreza na região e como essas famílias possuem um número maior de filhos, é provável que 60% das crianças dessa cidade estejam nessa situação de risco e exclusão. São, salvo raríssimas exceções, as nossas crianças, da rede municipal de ensino, pois, hoje, contrariamente ao que ocorria há 30 anos, existe uma linha bem traçada – numa demonstração despudorada de elitismo – entre as crianças pobres que freqüentam as escolas públicas e aquelas cujos pais têm algum recurso e as matriculam com sacrifício nas escolas privadas. A diferença invade de modo devastador os resultados. Os dados do Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) mostram, para a região metropolitana de São Paulo, apenas 4% das crianças em nível adequado de aprendizado (no ensino privado são 30%) e 50% delas em nível crítico e muito crítico (no ensino privado são menos de 20%), ou seja, uma educação pobre para os pobres. O grave é que a deterioração do ensino público expulsou a classe média da rede e, com isso, perdeu-se o controle

social e consolidou-se a exclusão, fazendo no ensino o que se faz com o resto, ou seja, praticando políticas compensatórias e contentando-se com elas.

Um instituto especializado detectou na rede municipal alunos superdotados, para oferecer a eles bolsas de estudo para o ensino médio em escolas de elite. Em 51 escolas municipais foram selecionados 1.180 alunos do 7º ano do ensino fundamental, 624 confirmaram a inscrição, 393 compareceram e foram submetidos, junto com suas famílias, a inúmeros e cuidadosos testes durante várias semanas.

Foram selecionados 11, que receberam as bolsas. Pelos cálculos conservadores que faço, existe na rede municipal de ensino, em iguais condições, pelo menos 300 outros jovens terminando o ensino fundamental a cada ano. O que se está fazendo com eles? Nada de especial. O que eles farão na vida? Possivelmente não terão oportunidade de sequer perceber suas qualidades ou, eventualmente, as usarão de forma distorcida pelo ambiente onde estão inseridos. Como a sociedade vai usufruir desses pequenos gênios? Simplesmente, não vai. Uma educação rasteira acaba sendo, além de injusta, perdulária e condena à exclusão e à invisibilidade a maioria das nossas crianças, desprezando a maior riqueza que qualquer País pode ter.

Para não pensar pequeno nem curto, esse abandono nos últimos 30 anos (pois, até então, o ensino público era melhor que o privado), explica boa parte da violência de hoje e da dificuldade que temos para nos desenvolver por falta de massa crítica de lideranças políticas sérias e de intelectualidade, capazes de construir um País rico em conhecimento, ciência e tecnologia democratizados, base de qualquer hipótese de desenvolvimento nos dias contemporâneos.

Não podemos perpetuar o erro. Todos os Países, que nos últimos dez anos passaram para o clube dos

Uma educação rasteira acaba sendo, além de injusta, perdulária e condena à exclusão e à invisibilidade a maioria das nossas crianças, desprezando a maior riqueza que qualquer País pode ter



desenvolvidos, definiram claramente sua prioridade para a educação e cada um encontrou seu rumo com soluções customizadas e, por isso, inteligentes e originais. Mas, essa prioridade não pode estar somente no discurso ou nas políticas compensatórias e excludentes.

A política de educação, no governo José Serra (PSDB), foi construída nesse sentido com três pilares: o primeiro, “melhora das condições físicas, didáticas, administrativas e gerenciais das escolas”. As latas foram substituídas, construímos novas escolas e salas de aula, aumentamos 40 mil vagas, descentralizamos o orçamento, pusemos recursos nas mãos das escolas, contratamos professores e estamos capacitando em serviço, de modo direcionado aos projetos prioritários mais de 30 mil professores e diretores, que este ano ganharão incentivos por seu relevante trabalho, freqüentemente pouco valorizado.

O segundo, “leitura e escrita”, garante essa capacidade nas nossas crianças, colocando um auxiliar de professor no 1o ano, recuperando as que não foram alfabetizadas e desenvolvendo nelas o amor pela leitura.

O terceiro “São Paulo é uma escola” abre o “guarda-chuva” da educação o dia inteiro, sobre nossos alunos nas escolas e nas ricas oportunidades culturais e esportivas da cidade, incluindo aí ensino de cidadania, ecologia, saúde, segurança etc. Esse programa já atendeu 190 mil crianças em 2005 e este ano dobrará.

A concepção política e pedagógica do projeto está na opção sócio-antropológica da educação e na sua abordagem global, voltada para pessoas vivendo em uma dada circunstância histórica.

Com o direcionamento pretendemos transformar esse círculo vicioso em virtuoso e mostrar que, com os mesmos recursos e com gestão bem orientada, pode-se colocar a educação, concretamente, como prioridade e dar-lhe qualidade e construção social.